SAINTE-CHAPELLE E SEU TESOURO DE RELÍQUIAS (SÉCULO XIII)

*Renata Cristina de Sousa Nascimento*

Espaços especiais, símbolos e ritos são meios visíveis pelos quais o ser humano entra em contato com o sagrado. Após o século IV santuários sublimes foram sendo edificados na Terra Santa. A nova fé concretizava-se com o apoio do império, rememorando seu espaço santo, demarcando territórios e lugares que envolviam as narrativas sobre a humanidade de Jesus, e sua crucificação. No cristianismo, a presença destes vestígios garantia ainda mais uma áurea de excepcionalidade. Jerusalém tornou-se então o modelo, que seria transposto para todos os espaços cristãos. Para uma melhor compreensão da dimensão que envolve a veneração às relíquias cristãs, é preciso fazer uma síntese da importância dos lugares santos da Palestina. Palco de exibições públicas fervorosas a cidade de Jerusalém possuía em seu interior diversas igrejas, repletas de relíquias. Estes objetos eram considerados testemunhos palpáveis, constituindo elos privilegiados entre vivos e mortos. Por este motivo tornou-se comum a distribuição, disputas, roubos e divisões destes despojos entre santuários, contribuindo para o aumento de peregrinos e devotos, que se dirigiam a uma região. Demarcando-se assim um território protegido pela ação destes fragmentos santos- um espaço singular. Para tanto várias cidades e reinos desejavam possuir um patrimônio sacro relevante. Estes restos especiais poderiam garantir a superioridade espiritual e política frente aos demais.

A manifestação do poder real, para além de uma imposição militar, se fazia presente também através de elementos simbólicos. Em um contexto de ampliação da religião cristã a posse dos fragmentos atribuídos à figura de Cristo eram fatores de grande prestígio e status diferenciados. No século XIII a França sob a égide da Dinastia Capetíngia, à exemplo das dinastias anteriores, tentava firmar-se cada vez mais diante de seus concorrentes europeus, buscando consolidar sua posição política frente à cristandade ocidental. Nesta busca incessante por distinção política e religiosa era preciso construir modelos de perfeição. A emblemática figura de Luís IX- e seu profundo interesse por relíquias, reflete a complexa relação entre poder real e espiritual. O problema da sacralidade régia envolvia o desejo das dinastias reais em promover seus membros ao status de santidade.

Luís nasceu em Poissy, em 1214 e subiu ao trono em 1226, sendo a regência inicialmente confiada a sua mãe, Branca de Castela. A sacralidade monárquica ocidental tem no padrão franco- inglês baseado na taumaturgia e na cerimônia de sagração, um parâmetro que se aproxima deste personagem. Luís IX foi canonizado em julho de 1297, pelo papa Bonifácio VIII. Também participou ativamente de duas cruzadas; em concreto da Sétima (1248- 1254), pois na Oitava Cruzada (1270), faleceu logo após o desembarque. Considerado o cruzado perfeito, a memória deste personagem o caracteriza por sua devoção especial às relíquias associadas à Paixão de Cristo. Neste sentido teria comprado dos venezianos, que haviam se apossado de Constantinopla, a Santa Coroa de Espinhos. Por estarem em dificuldade financeira, devido aos ataques dos bizantinos, na tentativa de reaverem sua cidade, os barões venderam a Coroa de Espinhos ao rei francês por grande soma (135.000 libras), tendo também este assumido dívidas, para se apossar da relíquia.

A chegada do objeto santíssimo a Paris foi motivo de grande comoção, e de diversas procissões. Para instalar a preciosidade foi construída a Sainte-Chapelle, no interior do Château de la Cité, residência real. A capela foi inaugurada com muita pompa em 1248, dividida em duas partes: Capela alta- consagrada à Coroa de Espinhos; Capela baixa-dedicada à Virgem Maria. A parte superior era reservada à corte e a família real. A parte inferior aos moradores/ servidores do palácio. O altar relicário possuía por volta de três metros de altura. Além da Coroa de Espinhos, outras relíquias insignes também lá estavam como o Véu de Nossa Senhora, pregos e partes consideradas da Verdadeira Cruz. Alguns cronistas chegam a citar um total de 22 relíquias, o que não se sabe ao certo. Grande parte deste tesouro espiritual se perdeu após a Revolução Francesa (1789- 1799). A Coroa ficou escondida, sendo no futuro transferida à Catedral de Notre-Dame de Paris. Mesmo após as pilhagens e vicissitudes climáticas, como diversas enchentes, os esplendorosos vitrais de Sainte-Chapelle conservam seu encanto e narram com beleza sublime a história bíblica.

**Para saber mais**

COSTA, Paula Pinto & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. **A Visibilidade do Sagrado**. Relíquias Cristãs na Idade Média. Curitiba: Prismas, 2017.

LE GOFF, J. **São Luís** - Biografia. SP: Editora Record, 1999.

MERCURI, Chiara. **Saint Louis et la couronne d’épines**. Histoire d’une relique à la Sainte- Chapelle. Paris: Riveneuve Éditions, 2011.